

O COMERCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

E' hoje pelas 21 horas, que no salão de festas do Ajuda-Clube, se realiza o deslumbrante festival infantil, organizado pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Conceição Ribeiro, ilustre directora da Escola de contracto n.º 21, da Sociedade «A Voz do Operário», com o valioso auxilio da sub-comissão de assistência desta Escola.

Do magnífico programa, destaca-se a representação da comédia infantil, da autoria do nosso saudoso amigo e camarada Henrique Samorano, intitulada «As guerras nem a brincar». Da sua interpretação encarregaram-se os seguintes alunos: Maria Natércia Salema, António Vaz S. Gomes, Carlos Alberto Gonçalves, Eduardo Ribeiro, Salvador dos Santos, João Gil Seiroco, Américo Ramos e Idalina Silva.

No acto de variedades, tomam parte os alunos: Maria de Lourdes, Esmeralda Dias Fernandes, Maria José Martins, Amparo Ferreira, Maria Elisa Giestas, Gabriela Rainho, Celeste Vialho, Alberto Louro, Rogério Campos Aço, José Luiz, João Amorim, José Ferreira e Joaquim Pinto. Deram também a sua colaboração a este acto de variedades os ex-alunos Bernardino Duarte e Orlando Gonçalves. Os acompanhamentos ao piano, serão feitos pela ex-aluna Maria Ludovina do Rosário Pereira e pelo conhecido pianista Sr. Alvaro Martins.

Terminado o espectáculo, serão distribuídos pelos alunos, todos os brinquedos, que ornamentam a linda Arvore do Natal, seguindo-se um deslumbrante baile, que será abrilhantado por uma excelente troupe.

Para esta festa será reservado o direito de admissão.

«O Comercio da Ajuda», agradecendo o amável convite que lhe foi dirigido, apresenta os seus respeitosos cumprimentos à ilustre professora Ex.^{ma} Sr.^a D. Conceição Ribeiro, que mais uma vez vai proporcionar à petizada da sua escola, algumas horas de franca alegria.

ENCONTRA-SE melhor dos seus padecimentos, a Sr.^a D. Eduarda Feijão, extremosa esposa do nosso querido e velho amigo Vicente Feijão, a quem abraçamos, desejando rápido restabelecimento à enferma.

UMA IDEIA

E' vulgar ao deparar mos com um amigo ou conhecido ouvirmos lhe dizer, entre um bocêjo de tédio:

— Que aborrecimento!...

A frase é banal, mas a sua própria banalidade me atrai... Obriga-me a meditar, e a minha meditação traz-me ideias que tomam vulto no meu cérebro, não apenas ideias de uma idealista, mas sim ideias que se fôssem postas em prática alguma coisa de novo e útil havia de surgir, e seriam um remédio salutar para o tédio de certas criaturas, que vivem na ociosidade — sem um fito na Vida sem um Ideal — quando com um pouco de boa vontade se poderiam tornar úteis à humanidade sofredora, empregando a fortuna e a inteligência (quando possuem uma e outra) numa obra altruista digna de Homens e de Portugueses.

Há por esse país fóra, tantas criancinhas ao desamparo, tantos velhos sem o canto da lareira amiga que lhes aqueça os corpos enregelados pelos impiedosos invernos que por elles têm passado!

Existem também, tantas raparigas, umas que pela ambição do luxo e cegas pela vaidade, outras que arrastadas por maus conselhos e exemplos, trocaram uma vida simples e honesta por uma existência de ignomínia e amargura!

¿Porque razão (e eis uma das minhas ideias) essas outras criaturas em vez de arrastarem o tédio por lugares onde dissipam sem proveito a fortuna, arruinam a saúde e embruteçam a inteligência, não procuram — ou por iniciativa própria ou coadjuvando outras pessoas que à obra da assistência dedicam o maior carinho — tornar-se úteis às crianças, aos velhos e às raparigas sem amparo?

Seria uma obra grandiosa, digna de aplauso, e que elevaria Portugal, não só aos olhos dos portugueses, como aos olhos de todo o mundo, se os que possuem cabedais e também, um coração capaz de se comover perante os quadros de confrangedora miséria que a toda a hora se nos depára, empregassem o dinheiro que gastam sem proveito, protegendo as inocentes criancinhas dando-lhe além do pão do corpo, o pão do espirito, fazendo desses pequeninos seres, homens cultos e vigorosos que amanhã

(Conclue na página 8)

B. CARTOLANO

CIRURGIÃO-DENTISTA

Mudou o consultório para a sua residência:

Rua Luiz de Camões, 157

CONSULTAS DAS 9 ÀS 20 ■ TELEFONE BELÉM 512

NA sede do Grupo Dramático de Belém, e promovida pela sua secção esperantista «Fratiga Stelo», foi inaugurada no passado domingo uma interessante exposição esperantista. Na sessão de abertura, usaram da palavra vários oradores que abordaram diversos temas referentes ao desenvolvimento do Esperanto no estrangeiro e no nosso país.

Em cumprimento do programa elaborado por aquela Secção, realizaram-se duas palestras durante a semana: uma na quarta-feira proferida pela fervorosa esperantista e nossa colaboradora D. Alsácia Eontes Machado e outra, na sexta-feira, pelo distinto esperantista Sr. Luzo Bemaldo.

A exposição, que tem sido muito visitada encerra-se amanhã às 24 horas.

Pela gentileza do convite que nos foi enviado, apresentamos os nossos agradecimentos e calorosas saudações à «Fratiga Stelo».

O velho e simpático «Clube Musical I.º de Janeiro de 1901», vai no próximo dia 1, solemnizar o seu 35.º aniversário. O interessante programa em forma de jornal, intitulado Belmonte, anuncia grande número de atractivos, que às salas do prestimoso Clube, devem levar farta concorrência.

«O Comercio da Ajuda», agradecendo o amável convite, faz votos bem sinceros pelas prosperidades da prestimoso colectividade, a quem felicitamos pelo seu 35.º aniversário.

ALLEGRO-NOS pois parece ser desta vez que os pavimentos de várias ruas da freguesia, serão concertados. Assim, já foram tapados os enormes buracos que existiam na rua das Mercês. E' necessário que não fiquemos por aqui. Contamos com a boa vontade da Câmara Municipal.

CONTINUAM acentuando-se as melhoras do nosso querido amigo Alvaro Ramos, por cujo restabelecimento fazemos sinceros votos

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

LEMBRANÇA DE HUMILDES CONTO DO NATAL

Fantasia original de ALEXANDRE P. SETTAS

O Artur de Castro, entalhador de officio, era pai extremo e dedicado marido.

Artifice consciente na modesta função a que os seus honestos pais o haviam destinado, conseguira garantida ascendência profissional sobre todos os outros companheiros de trabalho na officina.

Contudo, essa circunstância venturosa devia-a elle apenas à nativa habilidade de que era dotado, à muita aplicação no seu officio e também ao evidente aproveitamento adquirido nas aulas de certa escola industrial.

Independente de tal superioridade que lhe permitia disfrutar respeitoso conceito dos seus colegas e a boa consideração dos dirigentes da casa onde trabalhava, o Castro, bom camarada e operário cumpridor recto dos seus deveres, procurava por todos os meios elevar-se adentro da sua humilde condição de trabalhador.

Mas não era movido por soberbia, estulta vaidade ou, sequer, pela frivola ânsia de, por reflexo, diminuir o valor dos outros colegas de officio.

Se assim tentava elevar-se na esfera social em que se encontrava, era simplesmente levado pela vontade que lhe entusiasmava o ânimo, criando em si um louvável incitamento pelo melhor e tornando-o sempre sedento de aperfeiçoamentos profissionais e progressivo na cultura do seu espirito, propenso por natural condição tanto às variadas demonstrações do belo, como às diversas práticas do bem.

Os seus momentos de ócio eram repartidos na colheita de sólidos elementos subsidiários duma mais perfeita auto-cultura educativa e, bem arreigadamente, na demonstração dum excelente affecto de bom chefe de familia.

No seu lar modesto, harmonioso, bem ordenado e salutar pelo ambiente de santa concordância conjugal que

ali era de observar, a máxima latina *Domus quieta faculta certa* assentava bem, mesmo a primor, demonstrando quanto a existência duma paz intima e duradoira, imersa em permanente sossôgo familiar — como a que nessa modesta casa se disfrutava — era de molde a criar-lhe amplas simpatias.

Tinha Artur de Castro um interessante pequerrucho, esperto, ladino, mas de muito bom coração, justo enlêvo dos seus progenitores que ardentemente se esforçavam por lhe prodigalizar todos os possiveis contentamentos.

Certa vez, pelo Natal do ano de 19... quando o Fernandinho, o tal pequenote, contava 7 anos de idade, os pais na louvável intenção de solemnizar, como é de tradicional costume, a noite de consoada, deram-lhe a agradável surpresa de o brindar com uma bem ornamentada árvore de Natal, repleta de vistosos brinquedos, apeteciveis chocolates, frágeis bolinhas de vidro colorido e espelhadas interiormente, que reflectiam em si os reverberos duma lâmpada não sei de quan-

tas velas, distribuida por umas tantas luzinhas de vistosas empolas que se ocultavam por entre os acerrados argaços do pinheiro, tudo de mistura com diferentes fantasias e muitos enfeites de papel prateado e dourado.

Mas, coisa interessante, seus pais desejando pro-orecionar-lhe num ensinamento prático de filantropia o que devemos fazer em beneficio dos nossos semelhantes, haviam disposto, por entre essas agradáveis futilidades, uma série de artefactos de flagrante utilidade, especialmente embrulhados em papeis de côres variiegadas. Eram pequenas camisolas, meiasinhas de lã e de algodão, górrros de malha, sapatinhos de «crochet», vestidinhos de flanela, emfim, roupinhas e toda uma infinidade de artigos assim dispostos e que pelo seu invólucro exterior muito intrigavam o filho do Castro que lhes desconhecia o conteúdo e, ainda menos, as attribuições que lhe estavam reservadas.

Depois do jantar exultava o gaiatito de satisfação pela posse da sua árvore de Natal — frágil ramo de pinheiro com débeis ramificações — e a sua alegria, muito naturalmente, era determinada pela feliz materialização do sonho de criança que efectivado pela lembrança de seus pais, lhe dava a propriedade de tantos bonitos expostos e com os quais viria depois a brincar.

Intrigava-o, porém, os tais pacotesinhos que no interior ocultavam o quer que fôsse de misterioso.

Seriam doces? — pensava elle. Brinquedos, daqueles tão impossiveis de concretizar que nem se concebe a forma definida dos seus contôrnos? — aventava a idea. Ou, simplesmente, incompreensivel motivo de adôrno? — como entendeu por fim admitir.

Afinal o que lá estava dessiminado pela árvore era para o Fernandinho, apesar de tudo, um mistério que cada vez se adensava mais e se cumulava de hipóteses. No emtanto, como succede com as demais crianças, outras distrações de espirito em breve lhe esmoreceram o interêsse dessas locubrações e todo o seu ser rejubilava ao admirar interessadamente os boni-

CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
PREÇOS BARATISSIMOS

Tinge e transforma

Tem sempre as últimas novidades

APLICAÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
FELTROS E BOINAS

R. Coronel Pereira da Silva, 15
(Bairro Económico da Ajuda)

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Dnimo

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno aos sábados

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

tos brinquedos que os seus pais lhe haviam ofertado.

Com louca infantilidade sentia-se imensamente ditoso ao tocar nos tócos cordeirinhos de algodão em rama, nos pelichinelos vestidos de berrantes côres, nas casinhas de estranha construção, nos palhaços de besuntadas faces, nos automóveis de lata construídos com incríveis motores de corda, nos aeroplanos de tela e concepção arrojada e em todas essas manifestações do que a indústria da especialidade cria para manutensão dos seus obreiros. lucro de quem os transaciona e prazer de quem os disfruta até os os inutilizar.

Então, nessa altura, o pai carinhoso e bom educador, explicou-lhe o que tanto o havia intrigado. Os tais embrulhinhos que lá estavam dependurados por entre a gavalha do pinheiro continham os presentes que ao Fernandinho impunha suassoriamente o dever de, por gentileza, oferecer aos outros meninos mais pobres e que ele devia perfeitamente saber quem eram.

Depois o pai, com ternura, ia-lhe recordando que embora não fôsem ricos, o seu trabalho probo e honesto dava-lhe o suficiente para uma vida modesta mas isenta de lugubres preocupações.

Em triste contraste ia fazendo igualmente sentir ao filho querido, que muitos lares havia sem o mínimo conforto e muitos outros meninos tão erianças como ele, experimentavam já as inclemências da pavorosa necessidade, sofrendo alguns ainda a desdita cruciante de não terem o carinho dos pais, já falecidos, além de nada que os consolasse neste mundo. Apreciava assim o destino cruel que se exercia sobre muitos infelizes pequeninos que nem uma sêca codea de pão teriam às vezes para matar a fome.

Quanto a ele, ao Fernandinho, nada lhe faltava na sua modesta abastança. Seus pais muito económicos, embora sem outros rendimentos do que o do lucro dum trabalho efectivo, poderiam assim evitar-lhe as privações.

Mas, como o Artur de Castro e a esposa eram bondosos, magnânicos de

coração e caritativos, achavam puro egoísmo dedicar só ao ente que estremeciam as inocentes alegrias duma árvore de Natal.

E, muito elevadamente compenetrados de que fariam uma boa acção distraíram da importância atribuída a tais fúteis gastos, determinada quantia para a aquisição dos beneficios a prestar a quem era mais pobre do que eles.

Assim, seu filho deveria ir chamar os seus amiguinhos mais necessitados e com manifesto agrado distribuir por eles essas prendas, as tais dos pacotezinhos que tanto o haviam intrigado, mas com um vinculado sentimento de absoluta solidariedade.

Então, o pequenito, alma inocente e pura, que ouvira com atenção as palavras do pai, transbordante de alegria saltou-lhe ao pescoço e com uma lucidez de espirito em que se traduzia toda a satisfação dum dever a cumprir, apenas acrescentou:

— Paizinho! Deixe-me dar-lhes também alguns dos meus brinquedos. Eles são também pequeninos e têm, igualmente, como eu, o direito de brincar!

*

E como os bons conselhos frutificam nas almas que os sabem acolher com confiança, êsse pai teve pela sua boa intenção o gôsto de ver o filhinho exceder em bondade a prática dos ensinamentos que lhe prodigalizara naquela solene noite que rememora o nascimento do Deus-Menino.

Alexandre Settas.

João Mendes

Vinhos recebidos directamente
de Torres Vedras, das melhores qualidades

TABACOS

ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE

Calçada da Ajuda, 136 e 138—LISBOA
(à esquina da Travessa da Boa Hora)

O NATAL DOS HUMILDES

Véspera de Natal, noite sagrada
Que vem anteceder o grande dia
Em que se realiza a consoada
E nos lares adeja a alegria.

Na ruas da cidade o movimento
E' muito mais activo e adensado,
Parece até pairar um sentimento
Que as almas imunisa do pecado.

A' beira dos passeios, vendilhões
Exibem bujigangas curiosas,
E, reboam no ar os seus pregões
A chocarem-se em lutas porfiosas.

Há mulheres macilentas a vender
Rosadas bonequinhas e palhaços,
Entre o mais que não posso aperceber
E nas mãos se confunde ou nos regaços.

Mashá, também, crianças bem franzinas
Que já lutam na vida, inconscientes,
A's quais desde bem cedo, pequeninas,
Os fados não lhes foram indulgentes.

Uma delas eu vi, estava a tremer,
E rogava a alguém que lhe comprasse
Os brinquedos que tinha de vender
Para que assim a fome saciasse.

Natal de 1935.

Alexandre Settas.

COLCHOARIA

Económica da Ajuda, L.^{da}

Colchoaria de todas as medidas e qualidades

camas de ferro, lavatórios, palhas, lãs
sumaumas, esmaltes, zínco, divans-camas,
colchões de arame, etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua Aliança Operária, 47

TELEFONE BELEM 428

Ceramica de Arcolena

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalizações de barro vidrado

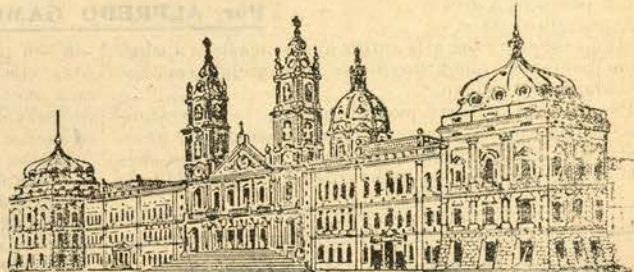
Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE BELEM 367

Os bons Vinhos de Cheleiros da colheita de 1934



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

encontram-se à venda nos estabelecimentos de

João Alves e Resinas

Se queirais fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

As menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPEARIA

com vendas de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos de arte

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. B. 757



Instalações eléctricas

EXECUTA

Américo Rêtor Dias

ELECTRICISTA

PEDIDOS á

C. Ajuda, 67-169

Telef. B. 552

onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA

DE

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

O NATAL DOS POBRESINHOS!...

Como se chamava a pobresita?

Ao certo, ninguém o sabia; no sítio onde mais pairava chamavam-lhe a *Russita* talvez por ter uns fortes cabelos ruivados que em madeixas lhe caíam por sobre os ombros descarnados. O rosto, extremamente pálido e onde se espelhavam as privações que sofria, era simpático e franco.

Tinha sómente oito anos e aos cinco perdera os carinhos da mãe que, pobre dela, tivera também a sua odisséia de dor e miséria, e que em poucas linhas se descreve.

Muito nova, o para ajudar seus paes que viviam dos miseros proventos do trabalho do campo, viera, como tantas outras, servir para a cidade. A casa onde fora colocada tinha fama de respeitável, de costumes austeros.

Nova, graciosa, inocente, começou sendo olhada com particular atenção pelo chefe da família. Da admiração passou-se ás palavras que perturbam cérebros juvenis, atrás das palavras as promessas que tentam o a pobre, envolvida nesta teia tão bem urdida, nela se deixou prender.

Tempos correram, e ao sentir os primeiros sintomas de que um novo ente breve viria ao mundo declarou-o com o rubor próprio da sua idade ao

seu sedutor o qual empalideceu levemente.

Desde êste momento começou o declinar da sua tão curta felicidade pois que a pobre se sentia feliz naquele ambiente que julgava sincero. Por um motivo fútil e instigada pelo marido, a *senhora* dispensou-lhe os serviços. Sem forças para reagir contra o autor da fatalidade que sobre si pesava, foi lutando pela vida como ponde e soube, e sempre honestamente para não dar maus exemplos á sua filha, que trazia sempre junto a si e que era o seu enlevo, toda a sua preocupação. A sorte, porém, não a bafejou. Procurou por todos os meios trabalhar, mas tudo lhe ia falhando, até a própria saúde. Por fim, como único recurso andava na apanha do trapo, de caixote em caixote, do montureira em montureira; e, neste mister imundo adquiriu doença grave e repugnante, que a atirou para uma garfaria, deixando pouco depois de viver, amaldiçoando o seu destino que tam traçoiro lhe fora, e onde deixava, aos baldões da sorte, a sua querida filha.

Entregue a pobre *Russita* a si mesma, fomos encontrá-la, nesta véspera de Natal, olhando, boquiaberta, ora para as bonecas loiritas expostas nas montas de casas elíctas, ora para os brin-

quedos modestos que inumeros vendedores ambulantes apregoavam pelas ruas.

Só ao entardecer reparou que de todo se esquecera de angariar a vida estendendo a mão a solicitar a esmola, sempre degradante, e isso representava para ela o ser sujeita a maus tratos por parte daqueles que lhe davam agasalho e um pouco de pão, muitas das vezes duro e bolorento! Chorou. Revoltou-se intimamente contra a sua sorte. Não tinha um afago, uma carícia, um beijo de ninguém!... Via na rua tanta criança amimada, de rostos rosados, meitadas em abafos caros, calçadinhas, risonhas... Ela, a desgraçada, nada tinha, nem mesmo talvez um pouco de pão naquela noite de festa, porque se esquecera de mendigar. Sentiu fome. Regelada, com o fútil molhado, procurou abrigo no portal de uma casa onde havia luz a jorros; a música que de dentro vinha inebriava-a; e a alegria que pressentia fazia-a, por momentos, esquecer a sua miséria. Quando a porta se abria, re-bebia dela o bafo tépido e que a aquecia um pouco. De quando em quando, aos que transpunham a porta da casa em festa, pedia esmola, e não raras vezes ouvia frases pouco edificantes

(Conclue na página 7)

dedicação pelos desgraçados da freguesia lhe grangeara a fama de santo, e um sobrinho dêste, o mais novo dos descendentes, rapaz de 25 anos, que, depois de consorciar-se com a filha dum modesto lavrador seu vizinho, veio estabelecer-se em Lisboa.

Havia dez anos que tio e sobrinho viviam separados, sem que contudo afrouxasse a amizade que os unia; e todos os anos, nas proximidades do Natal, o Carlos Barrosa, em companhia da esposa e dum filhinho, que pela doçura do seu porte infantil, já prometia ser digno continuador das virtudes da família, ia repousar das fadigas do seu comércio em casa do excelente abade, a quem a presença do sobrinho e da gentil criança enchia de tanta franca e sincera alegria que até parecia remocar-lhe o coração.

Na época em que se passou a história que vou narrar tinha o Julozinho oito anos, isto é, pouco mais ou menos a décima parte da idade do bom padre. Mas havia entre eles uma tal força de atracção, um entendimento tam profundo e suave, que ao ouvir da boca da criança as frequentes perguntas a que o incitava a sua curiosidade infantil e as respostas elucidativas ao as histórias a proposito contadas pelo tio abade, ao vê-lo emborçado num colóquio ameno, em que o pensar e os sentimentos de ambos, embora largamente distanciados pela idade, inteiramente se confundiam, seria quasi difícil distinguir qual era a cabeça emoldorada de louros caracóis, e aquella que os janeiros tinham completamente embranquecido.

Uma manhã em que os dois, aproveitaram um sol semelhante ao da primavera, davam um passeio pelo campo,

o Júlio tagarelava fazendo azeição do grande número de brinquedos que tinha em Lisboa, brindes do pai, da mãe, de alguns amigos, e tam do tio, que jamais se esquecia de o felicitar no dia dos anos. Mas, como se um pensamento súbito o assaltou, ou quisse desfazer uma dívida de há muito latejava no espirito, parou de repente diante do padre, impedido de continuar o caminhar, e atirou-lhe a seguinte observação:

— Dize-me, na noite de Natal, é o Menino Jesus quem traz brinquedos aos meus bons. E' verdade?... O tio, que é padre, deve sabêstas cousas.

A pergunta, pelo inesperado, deixou interdito o sacerdote. Conservou-se calado por alguns momentos, e, como estivessem próximos do portal de pedra da entrada duma adega, sentou-se e fêz-se também o pequeno. Por fim, afluído-lhe aos lábios um sorriso bondoso, disse, fitando-o:

— Parece que não acredas.

— Não sei, meu tio. Ao esquisito que o Menino venha pelas chaminés...

— Tens razão. E' uma coisa que se conta ás crianças para as incitar a ser boas e amar a Deus.

— Ah! é uma lenda! applico o Júlio pensativo.

— Sim, e tam antiga, também já ma contavam quando eu tinha a tua idade. Mas aos crebros pequeninos agradam as fantasias por isso a inventaram. Querês uma prova?

— Diga, tio, que eu gostando de o ouvir!

— Pois bem. O Menino ás é o Cristo na sua infância, não é verdade?... E' Jesus que foi crucificado era Deus, e, portanto, emborã a forma humana, foi sempre, como não podia dar de ser, um modelo de bondade, de caridade, de ar e de justiça para com todas as criaturas. Ora, se assim, como poderás

admitir-se que êle viesse trazer aos pequeninos ricos muitos e muitos brinquedos, deixá-los com pouquíssimos ou nenhuns as chaminés dos pobreziños?

O Júlio abriu desmesuradamente os olhos, numa attitude de verdadeira espanto e como tendo dificuldade em comprehender o que ouvia.

— Mas... se não é êle... obtemperou.

— Não sendo êle, já vós, meu garoto, que são os paes. O muito amor pelos filhos leva-os a presentear-los com toda a espécie de brinquedos, tornando-lhes particularmente feliz esse dia que a Criandade inteira celebra com alegria.

— Que pena não ser êle!... — exclamou o Júlio com um acento de tristeza.

— Porque dizes isso?

— E' que, se fôsse o Menino Jesus, havia de repartir por todos igualmente, não é verdade, meu tio?

— Certamente. Assim, vò tu, ao passo que na tua chaminé appareçião tantas cousas bonitas, que teu pai ou tua mãe lá hão-de pôr para te dar prazer, quantas haverá que chozem de despeito, quem sabe até se por não terem uma fatia de pão para comer nesse dia. Olha os cinco filhos do Tomé, que com a doença da mulher gastou tudo o que tinha; a filha da Rita do Curral, que anda aí á esmola pelos casais; os pequenos dos Damásios, com o pai fético no hospital e a mãe mal ganhando para as sopas...

A criança ouvia pensativa as palavras do bom tio e denunciava-nos fresco rosto um tam grande pesar que dir-se-ia estarem as lágrimas prestes a saltar-lhe dos olhos. O seu coraçãozinho sentia o peso daquelas misérias, e foi como numa explosão de verdadeira dor que exclamou:

piedoso do garoto, coloca-lhe o braço sobre o seu miúsculo ombro e baixinho, observa-lhe:

— Sei e que estimas meu belo rapaz. Desejas viver sempre em boa harmonia, acamradando com os teus colegas, livre de más apreensões, num convívio carinhoso e perdurável. E' assim mesmo que eu entendo a Vida e não deixarei a minha peregrinação enquanto os povos não se unirem num mesmo amplexo, abraçando-se fraternalmente, como vós; não desfalecerei, um só minuto, para que a Família seja una e indivisível; trabalharei sempre, para que essas barracas de campanha se transformem em símbolos de paz, como a vossa; continuarei a fazer a propaganda da Festa da Família para que num futuro próximo ela seja realizavel em todo o Mundo.

A União da Família!

A Felicidade dos Povos!

E' emquanto êste sonho, um dos que me atormentam, não for palpável, não for concreto, jamais voltarei ao ponto de partida; continuarei a pensar, a ser martirizado pelos meus sonhos.

De olhos semi-cerrados, boquiaberto, o jóven onvia com uma atenção profunda, aquele piconeiro do Bem. De repente, como que impellido por uma mola, perguntou, de chofre:

— Quem sois vós que tanto batalhas pelo Bem da Humanidade?

(Conclue na página 7)

O segredo do Julio

Por ALFREDO GAMEIRO

A família dos Barrosas foi, por meados do século passado, das mais importantes e ricas da região do Alto Minho. Considerada em toda a provincia pela fortuna avultada e pela largueza das suas propriedades, não o era menos pelas virtudes, timbre da conduta de todos os seus membros.

A certa altura, porém, adversidades de vária espécie enegreceram a vida dos Barrosas; as propriedades passaram, pouco a pouco, a outros donos, reduziu-se ao mínimo o número de servos, e da antiga abastança ficou apenas uma mediania com que a família se ia mantendo com honestidade, mas sem luxo.

Por fim, até a morte parecia comprazer-se em aniquilar aquella raça de boa gente, porque, em poucos anos, arrastou para a sepultura quasi todos os Barrosas, deixando de pé somente um velho abade, cuja bondade e

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. de Morcós, 118 a 126 — SOCORRAL: T. Paulo Martins e Largo de Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanfrotto, Retrosino, Espargaria e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA**Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**Construção aperfeiçoada de ferragens
para fornos de padarias, do mais moderno sistema
e fogões em todos os géneros**R. Mercês, 104 Ajuda — LISBOA Telef. B. 496****O segrêdo do Júlio**

nava com a cabeça em sinal de aprovação de tudo que o Júlio lhe segredava. E correspondendo ao abraço do pequeno, chegou-o ao peito e beijou-o repetidas vezes com infável ternura.

Depois encaminharam-se para casa os dois, e ninguém soube o que entre eles se passara.

Chegou enfim a noite de 24 de Dezembro.

A' meia noite quasi toda a gente do lugar se encontrava reunida na pequena capela onde o simpático abade havia de rezar a missa chamada do galo.

Terminada ella, cada um regressou a casa satisfeito com a bênção do velho sacerdote, e dali a duas horas as ruas e os caminhos tortuosos do lugar estavam desertos e o silêncio era apenas interrompido pelo ténue sussurro do vento nas árvores dos quintais.

Mas à luz da lua, que esplendorosa se mostrava, como que a querer alumiar generosamente alguém que tinha a desempenhar uma missão piedosa, surgiram dos lados do passal do abade dois vultos misteriosos. Um deles, pequenino e ágil, contrastava singularmente com o outro, que caminhava com passos vacilantes, tanto mais que parecia trazer, sob o amplo capote em que vinha embuçado, qualquer coisa volumosa e em extremo pesada.

Os dois, silenciosos, como se o que tinham a praticar estivesse de antemão suficientemente combinado, paravam junto dos portais das casas de mais pobre aparência e ali se demoravam breves instantes, para seguirem além e repetirem, junto de outros portais, a mesma operação. Depois de percorrido todo o lugar, voltaram ao ponto da partida, mas então com maior celeridade, visto que a figura mais alta parecia já aliviada da carga que lhe demorava o andamento.

E tudo ficou em paz. Da secreta excursão apenas a lua fôra testemunha, e essa não ria de certo revelar a estranha missão que a sua meiga luz iluminara.

Os aldeãos são madrugadores e por isso, logo ao romper da manhã, embora não fôsse dia de trabalho, alguns saíram das suas casas para conduzirem os produtos das hortas ao mercado próximo ou levarem o gado ao pasto. E êsses caíram de surpresa em surpresa ao depararem com a grande quantidade de brinquedos amontoados na soleira de várias moradias, particularmente das mais miseráveis do lugar.

Foi um assombro e motivo de falatório, a que em breve se misturaram as exclamações de espanto do mulheiro, sendo o caso comentado entre as mais estranhas e disparatadas presunções, sem contudo se atinar com a verdade. O certo e inegável era que algum ente, divino ou humano, quisera presentear as criancinhas com todas aquelas bugigangas

que os tornariam bem felizes, ao menos por algumas horas.

E tal sensação produziu o acontecimento que as mãs não tardaram em acordar a pequenada e dar-lhes a noticia, que logo a seguir os trouxe para a rua numa alegria doida, pulando e saltando como um bando de cabritinhos na serra.

A algaraviada era enorme; corriam a mostrar uns aos outros as prendas que que tinham sido contemplados, e riam, abraçavam-se, cantavam, numa expansão de júbilo que dava gosto ver.

Quando mais tarde o abade saiu de casa para ir dizer as restantes duas missas das três com que é de uso a Igreja celebrar o nascimento do Salvador, levava pela mão o querido sobrinho, seu constante companheiro. Ao vê-los aparecer, toda a eriançada, rapazes e raparigas, os cercaram imediatamente, e mostrando ao sacerdote os brinquedos que traziam nas mãos: este, um cavallo com seu xairol colorido; aquelle um automóvel que corria ligeiro como o do morgado do sitio; outro, um carro puxado por elegantes bois; as raparigas ostentando lindas bonecas de cabeleiras louras e vestidos de seda, ou com corpetes bordados e chapelinhos de veludo à moda do Minho, todos em tremenda confusão se acotovelavam para receberem do bom velho as felicitações que elle não regateava, acolhendo-os bondoso e sorridente, afagando com doçura verd-deiramente de santo aquelle bando irrequeto e buliçoso que lhe embargava o caminho.

Então de entre os garotos destacou-se um, azougado e esperto, apesar dos seus poucos anos, e que de barrete na mão o interrogou, todavia com manifesto respeito.

— O' senhor abade, ¿ porque é que o Menino Jesus não pôs estas cousas nas chaminés e as deixou à porta da rua? Sabe?

O padre olhou o pequeno em silêncio, depois apertando-lhe o queixo com dois dedos, a fim de erguer-lhe a face rosada, fitou-o bem de frente e perguntou:

— Tens muito interêsse em saber?
— Temos todos — responderam muitas vozes.

— Então ouçam. Como devem saber, o mundo é muito grande e em todo elle há erianças que, como vocês, esperam o Menino Jesus nesta noite de Natal. Ora como não é possível, em poucas horas, percorrer todos os sitios em que ó desejado, elle escolhe entre os seus anjos aquelles que mais confiança lhe merecem e encarrega-os de virem à terra substitui-lo na generosa missão. Mas os anjos, como devem ter visto nos que estão pintados no teto da capela, têm asas brancas, muito brancas, e se descessem pelas chaminés arriscavam-se a aparecer depois no céu enfarruscados, e isso desagradaria ao Deus pai.

E concluiu:

— Aqui têm, portanto, vocês a razão por que os brinquedos apareceram nos portais. E' que essas cousas que tanto aprêço lhes merecem não foram esta noite trazidas pelo Menino Jesus, e sim por um anjo...

E o abade olhava de soslaio para o sobrinho.

— Este, que, de cabeça baixa e com certa timidez, escutara toda a história inventada pelo tio, nesta altura levantou para elle o rosto comovido, e tendo no brilho do olhar uma expressão de inexprimível contentamento, num impulso inesperado deu um salto para lançar-lhe os braços ao pescoço, e pode dizer-se que marinhon por elle acima, pondo-o em sério risco de desequilibrar-se, com o único fim de beijar o bom tio em ambas as faces, como se pretendesse com semelhante manifestação de ternura agradecer-lhe qualquer cousa que a petizada não conseguia compreender.

Depois o abade seguiu para a capela e o rapazio dispersou, correndo em diversas direcções, provavelmente com o desejo de contar aos pais a versão do milagre que encheu de júbilo todo o lugar e foi o assunto das conversações do dia.

A' tarde o bondoso sacerdote distribuiu pelas casas dos mais pobres do lugar o produto do seu peditório de todos os domingos a favor dos infelizes, e o nascimento do Salvador foi motivo duma alegria ruidosa, como outra nunca houvera ali.

Mas o segrêdo do Júlio .. nunca ninguém o descobriu.

Este número foi visado**pela Comissão de Censura****Moveis, Estofos
e Decorações****Não basta adquirir mobília,****é sempre preciso bom gosto**

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro**Facilitam-se pagamentos****Secção montada para fornecimento
para toda a Província****Rua de Belém, 80 e 82**

TELEFONE BELEM 237

LSBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}**PADARIA****Fornece pão nos domicilios**

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

TRANSPORTES DO ALTINHO**A. A. JERÓNIMO**

Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de **MERCEARIA**, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons**VINHOS DE CHELEIROS**

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)Sucessor: **FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA**

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

O Natal dos pobresinhos!...

(Continuado da página 4)

que hoje — talvez erradamente — se diz serem fruto da educação moderna.

Exausta, cheia de frio e sono sentou-se, aconchegando-se ao cantinho da sua improvisada guarida. Adormeceu. Que sonharia este ente desgraçado! Nos brinquedos que vira? talvez; na sua pobre mãe? quem sabe?

Assim passou a sua noite de Natal!

Quando o sol tentava romper para encher de luz a terra, quando centenas de crianças enfiavam nos pésinhos nos sapatos felpudos para, a vorazmente, ir à chaminé buscar os brinquedos que o menino Jesus lá puzera — oh! a santa ingenuidade das crianças! — um guarda, levemente, tocava-lhe para a despertar. Assustada ao ver a farda, chorou convulsivamente. Suplicante, disse que não fizera mal, e, se ficara ali, fôra com medo dos seus algozes, deixando-se, por fim, adormecer.

Estendendo as mãos roxas do frio e gretadas gotejando sangue, implorou, ofegante, que lhe não fizesse mal. Lembrando-se daquela que tanto a amara, e que mal conhecera, e como último recurso na sua supplica exclamou com infinita doçura:

— Sr. guarda, tenha pena de mim, eu já não tenho mãesinha!...

E quasi desfalecera.

Comovido, aconchegando a si a misera, o agente conduziu-a ao pósto mais próximo.

Possuía um coração generoso este homem. Tendo sempre a martelar-lhe nos ouvidos a frase tão ternamente pronunciada por aquela que nem uma migalha de pão tinha para comer, elle, que mal ganhava para o sustento dos seus, levou à pobre *Russita* um pouco do seu melhorado jantar, onde reunira a família, para comemorar a festa da cristandade. São assim, na sua grande maioría, os que nada têm — almas abertas, boas, generosas!...

Passados dias a assistência official tomava conta da pobre criança, collocando-a num dos seus asilos, onde esperará que a idade regulamentar a atire novamente para a rua!

E é assim, muitas vezes — quantas? sabe-se lá — o Natal dos pobresinhos, e o futuro de tantos desgraçados.

J. S.

CURSO DE CORTE**R. Cabo Floriano Moraes, 3, 2.^o-E.**

(Bairro Económico da Ajuda)

Convidam-se as senhoras interessadas e que duvidem do resultado deste curso, a comparecerem nesta morada ás 3.^{as} e 5.^{as} ás 21 horas, onde em lição demonstrativa e gratuita, aprenderão a cortar e a armar uma blusa.

Peçam o programa na

ENGOMADARIA IDEAL

T. da Boa-Hora, 53-B. — Telef. B. 386

Clínica Dentária da AjudaC. da Ajuda. 183, 2.^o-Esq.

Consultas das 10 ás 12

e das 14 ás 19 horas

Prótese em ouro e vulcanite pelos mais modernos processos

PREÇOS MÔDICOS**LICEUS**

Estudantes do curso superior, dão explicações dos cursos geral e complementar de Ciências dos Liceus, a preços módicos.

Este quinzenário informa.

QUEM ERA?!...

(Continuado da página 5)

— Sou o Velho Natal!... Aquele que, apesar da sua idade avançada expande as ideias puras para um maior e mais justo equilibrio no desenvolvimento de espirito sobre solidariedade humana. Vou afastar-me, certo de que serei ajudado na minha obra.

São horas de recolher e o pequeno volta ao seu acampamento enxugando duas lágrimas que se haviam desprendido daqueles olhos vivos mas piedosos.

Os seus camaradas, notam que elle vinha pálido e nervoso; um diz-lhe: — Que tens!?!... Parece que ficaste transtornado pela aparição desse velhote com quem estiveste em amena conversa.

— Nada!... responde o garoto. E, um propagandista de ideias sãs; avivou-me no cérebro o sofrimento de inúmeras familias em locais onde se utilizam destas barracas para a guerra, enquanto que nós passamos aqui felizes, porque é de concordia a nossa Vida.

— Mas, quem era esse velhote?

— Sim! Quem era!?!...

— O Velho Natal, diz o pequeno. A figura que tudo sacrifica para o bem estar dos povos.

Unidos pelo mesmo pensamento todos se levantam e correm à estrada para, em conjunto, saudarem aquela veneranda figura; porém, o Velho Natal já havia desaparecido para continuar a cumprir a sua nobre missão.

*Manuel Lourenço Ramos.***Farmácia Souza**

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone Belém 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.**Carrilho Xavier**

ás 15 horas

Doenças das senhoras e partos
Clínica geral**Medina de Souza**Interno dos hospita's
das 17 ás 19 horas

Coração e pulmões — Clínica geral

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

"O Comércio da Ajuda"

e os seus anunciantes

A. A. Jerónimo
Abel Diniz d'Abreu, Ltd.
Agencia Migueis
Amandio C. Mascarenhas
Américo Heitor Dias
António Alves de Matos, Ltd.
António Duarte Resina
António Lopes Marques
B. Cartolano
Blandina dos Santos
Casa Belmira
Clinica Dentária da Ajuda
Económica da Ajuda, Ltd.
Engomadaria Ideal

Farmácia Mendes Gomes
Farmácia Silva
Farmácia Sousa
Francisco Duarte Resina
Gráfica Ajudense, Ltd.
J. A. Jorge Pinto
J. J. Caetano
João Alves
João Mendes
José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)
Libanio dos Santos
Libreiro, Ltd.
Manuel Cordeiro
Santos & Brandão

desejam aos seus colegas, colaboradores, anunciantes, leitores, amigos e clientes, Boas Festas e um Novo Ano prospero.



QUE DIFERENÇA em 10 minutos

ENGOMADARIA IDEAL

E

TINTURARIA

O proprietario do mais antigo e acreditado estabelecimento no género, com sede no Largo Trindade Coelho 22, participa aos leitores de «O Comércio da Ajuda» que está em plena actividade a sua nova sucursal na T. DA BOA-HORA-Telef. B. 386 (junto à Panificadora Ajudense), onde podereis mandar tingir, ou limpar, pelo sistema americano, os vossos fatos, fardamentos, vestidos, gabardines, sobretudos, etc.

Também esta casa se encarrega lavar e engomar estores, cortinados e toda a espécie de roupa de goma e lisa.

T. da Boa Hora — Telef. B. 386

(Junto à Panificadora Ajudense)

UMA IDEIA

(Continuado da página 1)

possam ser úteis a si, à Humanidade e à Pátria, e dando também aos velhinhos — muitos dêles que já curvados para a terra, têm apenas por arrimo o nodoso bordão que lhes sustém os passos trôpegos pão e agasalho, e sobretudo o carinho que merecem, carinho que os compensem e façam esquecer as amarguras sofridas durante tantos anos vividos no mais desolador abandono.

E... finalmente, protegendo infelizes raparigas que arrependidas do mau passo que deram, impelidas pela vaidade ou por maus conselhos ou ainda por um destino fatal, anceiam que uma alma boa e generosa lhes estenda o braço protector para as elevar novamente ao nível moral e social.

Os que assim procederem poderão orgulhar-se de terem contribuido para a extinção dos maiores males de que a sociedade enferma — e os seus nomes ficarão para sempre gravados não só no coração dos que venham a beneficiar dessa obra altruista, como no coração de todos os que sabem sentir e vivem sob este glorioso Ceu de Portugal.

Arlete Argente Guerreiro.

(Argentinita)

O CINEMA

Faz hoje exactamente 40 anos que se realizou em Paris a primeira sessão pública de vistas animadas, marcando tal exhibição o nascimento do animatografo.

A êsse espectáculo, que teve lugar nos baixos dum grande café, assistiram apenas 33 espectadores.

UNIÃO NACIONAL

A nova comissão da União Nacional na freguesia da Ajuda, ficou constituída pelos srs.: Dr. Domingos Alberto Tavares da Silva, Artur Aires Martins, Manuel Luiz de Moura, Inácio Cabral Soares da Cunha, capitão João Cândido de Figueiredo Valente, Humberto Barcínio Pinto e Manuel Cardoso Rebelo. As duas primeiras individualidades, occuparão respectivamente os cargos de presidente e vice-presidente.

A posse foi conferida pelo engenheiro Sr. Cancela de Abreu, que teve palavras bastante elogiosas para os membros da nova comissão, em nome da qual falou o Sr. Tavares da Silva, que agradeceu em nome dos seus colegas as amáveis referências de que acabavam de ser alvo.

Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarteis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis

Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL

Xarope Tiocol «Lasil» — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares

Cinacol, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock
Antinevralgin», comprimidos — Nevralgias, dores de cabeça e dentes, constipação, insónias por excesso de trabalho, etc.

Balsamo Analgesico «Silva» — Empregado no tratamento do reumatismo gôta contusões, etc.

Calci «Lasil», empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel

Xarope «Peitoral de Cereja», de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

Quinina Lasil, empolas — Pneumonias, bronquites, bronco-pneumonias, gripes, etc
Sais de Frutos Lasil — Doenças de fígado, estômago, prisão de ventre, vertigens, dores de cabeça, etc

Soros, sêdas, catgut, drenos, crinas, laminarias, algodões, gazes, compressas, tampões, ligaduras, etc., etc.

CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex.^{mos} Srs.

Dr. Virgílio Lopes de Paula — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Dr. Julio de Carvalho — às terças, às 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — às terças, quintas-feiras e sábados, às 14.30 hor.s.

Dr. Manuel de Lucena — às terças-feiras às 16 horas

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias às 18 horas.

Avia-se recetuario de todas as Associações

SERVIÇO NOCTURNO A'S QUARTAS-FEIRAS

Especialidades nacionais e estrangeiras